

I

P. Bornmann, 25 de Março de 1923.

Elvira - Minha querida mãe.

Imploro aos céus a felicidade de
teu lar e muito especialmente a tua;
enquanto eu vou passando regularmente,
graças a Deus.

Depois de mez e meio que
aqui estou, hontem tive a grande ventu-
ra de receber 2 cartinhas tuas, uma que es-
tava em casa do Cel. Sberrias, e outra que me tran-
saram de Nonohay, conjuntamente com um car-
tazinho da Ibrochina, em que me diz estarem to-
dos com saude. Foram dois confortos, duas alegrias
juntas. Como Deus é bom! Confesso-te que já esta-
va desesperançado de receber cartas tuas, pois já
te havia escripto diversas cartas, por vias di-
versas - via Herval, via Nonohay e uma por um am-
po para entregar a ao teu padrinho Horacio, sem
contudo ter contactado, mas enfim, sempre veio...

Agora t'as respondido por esta, que um bom
amigo se encarregará de fazer chegar ao destino
do melhor modo que entender.

Em primeiro lugar dir-te-ei que noto

em tuas cartas que em tua bondade tens
uma constante preocupação por mim, pe-
lo meu bem estar, e para tranquillizar-te acres-
centarei que tenho suportado laboravelmente
os trabalhos por que tenho passado, tenho
poras uma saúde de ferro, e encontro bons
amigos, e tudo isso concorre para amenisar-
-estejas pois, tranquiliza, os trabalhos vieram
para os homens e os homens nasceram
para os trabalhos, demais, eu sou o homem
das circumstancias, intei-me submetto a ellas
com resignação e fortaleza de espirito.

Perguntas-me quando ven, infelizmente não
sei responder-te, só dir-te-ei o que já sabes
- é que ventade para isso não falta. Se
conhecesses as circumstancias que me obrigam a
cá estar, levarias a bem; correria grandes riscos
de morte se me aventurasse a uma viagem des-
sas, onde os grupos inimigos andam cruzando e
recruzando todos os dias, de modo que teria 1 con-
tra 99 probabilidades de chegar ao fim da viagem.
Demais, recebi um telegramma da mamãe em
que ella me pede que não vá sob pretexto
nenhum, e as cartas de Ibrahima ainda me
reforcaram o pedido. Pode ser que eu vá, mas
não sei ainda quando. No mesmo dia, pouco
antes de receber o telegramma da mamãe, tinha

III

mandado no correio, cartas em que communicava que estava a partir para o Havre, de onde embarcaria para Cruz Alta, como te relatei em minha ultima carta. Minha suspensao esta no ultimo ponto final para almoo, e a um amigo meu, o collector Dagui em quem conto um dos melhores amigos, confidenciou-me para irmos a C. Alta, e talvez eu me resolva a ir com elle, via P. Trento; mas esta resolução porque ainda tenho um quasi compromisso de ir com o Sr. Israel, ao Estado do Paraná, Clevelândia e Ponta Grossa.

Perguntas-me o que faço aqui - nada! Levo uma vida varia, nada faço - como e durmo. Que mais hei de fazer n'um lugar destes? Quando me aborreo muito saio a dar um passeio, e a leguas de distancia para as Indias, onde param uns amigos de S. Barbara, por 4 vezes fui, fui outras tantas vezes ao Rio, onde tenho um amigo, fui tambem ao Caxambu que dista 6 leguas daqui, onde por pouco não assisti a morte do saudoso e excellente compatriota, Capm. Claudino Braciano, tão estupidamente arrebatado deste mundo onde tão util era a sua vida.

IV

Domingo tivemos um match, entre
 dois clubs fundados aqui recentemente,
 em que emprezei o melhor dos meus
 esforços, tendo conseguido a empate, 1 a 1.
 Hontem fui a uma pescaria no Uruguay
 onde nos distrahimos bastante e bastante
 soffremos. Saímos d'aqui ante-hontem,
 eu, o telegraphista, o Capm. Octacilio Sp-
 Jerry, chefe politico do Districto, o Oscar
 Hoff, viajante do Rio Grande e outros conu-
 cidos meus, e mais 4 compaheiros che-
 gando ja de noite na barra do Frany,
 pontu combinado para a pescaria;
 tencionavamos ir a cavallo ate Monte
 Alegre, e de lá subirmos de canoa pelo
 Uruguay, mas as canoas que encontra-
 mos em St. Alegre, eram muito ruins, de
 modo que proseguimos a viagem a caval-
 lo, por um caminho tao ruim que exce-
 dera a phantasia do proprio Dante
 imaginando os do "Inferno", chegamos ja
 de noite em casa de um allemão, dono
 de 2 parcos, de uma canoa e outros accesso-
 rios de pesca, onde passamos de noite. Fo-
 mos de canoa Frany a aboar ate a barra
 da barra do Uruguay, onde pescamos de linha.
 Nem imaginas quanto é poctico um

4

passeio de canoã pelo rio, n'uma noite
 de lua! Oh! mas era lindo!! parecia
 um sonho! Voltamos ao entrar da lua,
 e dormimos, de manhã, ao raiar da au-
 rora levantamos e logo depois nos lan-
 çamos ao rio, mandamos os nossos cavalos
 pelo tal caminho do inferno até St. Me-
 gre, e fomos de canoã, descemos lequa-
 le tanto rio abaixo, procurando de um pa-
 norama surpreendente. Apoiados numa
 extensa praia, a que com muito raro
 chamam Praia Bonita, onde descemos a
 juntar pedrinhas, verdadeiras joias da na-
 tureza, que levar-te-ei como lembrança do
 meu exílio. Enfim chegamos a Monte Alegre, onde
 saltamos uma bomba, sem resultado, nem uma
 trahira do carbume surtiu a tora! Não pesca-
 mos um peixe. Por termos chegado muito tarde
 não podemos armar as espinheis. Nunca se
 viu pescaria mais infructifera - nem bomba
 nem linha, nem tiro, nem espinheis! mas
 um peixe. Mas fizemos o passeio. O que eu
 vi de lindo foi uma especie de palmeira
 a que chamam "palmito-molle", cujo pal-
 mito, quando dá um verdadeiro petisco; é
 uma lindeza para um jardim publico,
 mil vezes mais bonito do que tudo o que

II

tenho visto nas nossas joracas e jardins publicos. Quando eu for levar as algumas se-
mentes ou mudas, e se "acclinatarem" bem
has de ser que maravilha. As margens do
Uruguay e o verdadeiro Eldorado, imagina que
a batata, a lina, o limão, a banana, a
poiva e a cana das silvestres! Conhecemos li-
ma, limão, poiva e cana, silvestres. Bom,
como não é uma cartographia que es-
ta escrevendo, nem tão pouco
uma historia; Tableaux!

Oh! também eu, lamento não estar ao
teu lado, mas que fazer? Eu não previa que
tão logo poderíamos com as tuas voltas
mas ao teu lado foram mais felizes do que
tenho tido tanta bondade de ti e dos meus
que não imaginas. Gin, Elvira, foi o meu
primeiro cuidado dar noticias para casa,
passei dois telegrammas, um para
a Luluca, em Sta. Barbara e outro pa-
ra o Compadre Villa, em Cruz Alta, para
dar e transmitir-me noticias de casa,
o que fizeram; não quiz por duas ra-
zões telegraphar directamente para casa
primeira, porque estavam em N. V. West
Temple, onde não ha telegrapho; segunda
porque sendo para os meus, os caros

eram capazes de conservar, como fazem
 com as tuas cartas, em Tuladot. Além
 disso escrevi já diversas cartas, tanto
 para casa como para o Pampilio, que
 ainda não me deu a menor noticia, a
 que tenho saído de amigos ou de jorna
 com o Yagmu, quando no Paraná, trocava
 mas 3 Telegrammas. Nunca me descuidei
 rei de dar noticias á familia, porque sei
 o quanto soffreriam se as não dessem
 tinha mais interesse n'isso do que em
 receber delles, por que eu quero soffrer
 mas não quero que os meus soffran.
 Poderia continuar a escrever-me p
 ra Nonoahy, ou para P. Bormann, via
 Herval, lembro-te porém que se pla
 via Herval é mais segura, para Nonoahy
 e mais rapido, de mais que poderias
 colher.

Por hoje ponto final, pois
 como quizeras, não te saio hoje mais
 extenso porque estou cansadissimo.
 La surra de hontem, pois eu e
 um outro rapaz que não sabia
 tambem remar, apanhamos uma
 tormenta no rio e fizemos que
 fazer esforços inauditos para levar

VIII

mas a canção ao porf sem naufragarmos
contra as pedras, e de a cada momento
a correnteza e a tormenta com ella non
communhada mas atiravam.

Receita com os Teus, saudoso abraço,
do teu sincero

Indulgência

Perdão os erros —